

REGIONAL, REGIONALISMO E REGIÃO EM MATO GROSSO DO SUL

Tácito Loureiro da Silva Lourenço Baptista
UFMS/*Campus* de Dourados

Este trabalho, tomando por referência teórica sobretudo o artigo *Notas de uma fronteira móvel*, do crítico Rildo Cosson¹, tem por objetivo discutir como perpassam os termos *regional*, *regionalismo* e *região* nas obras de escritores sul-mato-grossenses.

Observe-se, desde já, que as fronteiras que separam a questão regional-regionalismo-região são, na maioria das vezes, indefiníveis, “móveis” como afirma o próprio Cosson. E tal mobilidade gera um certo impasse teórico entre autores como Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira*, Nelson Werneck Sodré, em *História da Literatura Brasileira*, Afrânio Coutinho, em *A Literatura no Brasil* que possuem cada qual um modo particular especial de avaliar, por exemplo, o rótulo “regionalismo”. Candido vê o regionalismo como uma corrente que está presente na literatura brasileira desde do Romantismo alencariano; Sodré, como algo que se revela em momentos diferentes como, p.ex., no sertanismo e no romantismo; Coutinho, como literatura específica de uma região particular. Enquanto o regionalismo revela-se no discurso monolítico que se refere sempre àquilo que, registrando e inventando, firma a identidade sócio-cultural de um povo, a região dita os limites históricos, geográficos e humanos de um espaço, e o regional, em nosso caso a literatura regional, representa uma comunidade inter-literária, ou seja, uma formação viva e variável, de natureza múltipla, que pode alargar-se para além do nacional.

Referindo-se ao Mato Grosso do Sul, pode-se dizer, antes de tudo, que o povoamento de sua região ocorreu a partir dos sertanistas, das posses das terras, da criação de grandes fazendas; ocorrendo mais intensamente logo após a Guerra do Paraguai (1865 -1870). Assim, terminada a guerra, aparece o personagem central da literatura sul-mato-grossense: “o

¹ COSSON, Rildo. Notas à margem de uma fronteira móvel. In: *Continente Sul / Sur*, Porto Alegre: IEL, v.7, p. 85-94, 1998.

fazendeiro”, personagem da criação do boi nos campos, no cerrado, na fuma e no Pantanal sul-mato-grossenses.

Mas não resta dúvida de que somente no século XX o desenvolvimento cultural acentua-se definitivamente na região sul-mato-grossense. As comunidades são novas e com o término da Guerra do Paraguai os fazendeiros passaram a ocupar os campos de Vacaria, e, com o surgimento também da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, assistimos a um ritmo maior das atividades econômicas e culturais nas cidades do interior do Estado, principalmente em Campo Grande.²

O reconhecimento de textos sul-mato-grossenses, sejam de caráter regionalista ou como literatura regional, tem o marco na divisão do Estado, em 1977. Segundo Campestrini, a divisão do antigo Estado de Mato Grosso ocorreu no dia 11 de outubro de 1977, com a assinatura do presidente Ernesto Geisel, em solenidade histórica, passando a vigorar a Lei Complementar nº 31, que criou o Estado de Mato Grosso do Sul, com capital em Campo Grande.³ Até então poderíamos enquadrar a literatura do MS como sendo de essência cuiabana, razão pela qual as informações sobre a cultura do sul do Estado antigo serem, no mais das vezes, pouco claras para o conhecimento da cultura sul-mato-grossense enquanto um todo único, porque sempre existiram diferenças entre o modo de se viver do Norte e do Sul do próprio Mato Grosso do Sul, que no passado abrangeu áreas que são hoje mato-grossenses. De acordo com Sá Rosa, ainda hoje inexistem traços de uma união entre as artes do Norte e do Sul do MS. A nosso ver, apenas em Corumbá, ligada a Cuiabá pelo rio Paraguai, é que subsistem algumas manifestações culturais comuns aquele Estado, como, por exemplo, o arroz com piqui que é servido também em outras cidades do Estado e do País.⁴

² Cf. PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Escritor, 1981. p. 43.

³ Cf. CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. 3. ed. Campo Grande: Gráfica e Papelaria Brasília, 1991. p. 141.

⁴ Cf. MENEGAZZO, Maria Adélia; RODRIGUES, Idara Duncan Negreiros; SÁ ROSA, Maria da Glória. *Memória da arte em MS*. Campo Grande: Ed. UFMS / CECITEC, 1992. p. 214.

É importante reconhecer em Mato Grosso do Sul as características históricas e culturais da região fronteiriça, resultantes de sua proximidade com outros países como o Paraguai e a Bolívia, países latino-americanos, que fazem fronteira com o Mato Grosso do Sul; da cultura migratória externa⁵ (síria, turca, libanesa, portuguesa, japonesa, italiana) e interna⁶ (nordestina, mineira, gaúcha, paranaense e paulista); da cultura indígena e de outros fatores que, ainda, segundo Sá Rosa, tornam possível compreender a cultura sul-mato-grossense apenas admitindo-se o seu caráter plural, que é *“resultado de um processo de sucessivas interações e oposições no tempo e no espaço”*.⁷

A literatura sul-mato-grossense, infelizmente, sofre da falta de incentivo, de estímulo às produções. É comum encontrar-se a expressão “só pensam no boi” utilizada para definir a falta de conhecimento, de sensibilidade, de costumes e tradições em uma expressiva camada populacional do Estado. Os escritores de Mato Grosso do Sul, com raras exceções, segundo Sá Rosa, *“não vêem na palavra o instrumento de que se pode valer o artista para intuir, repensar e modificar criadoramente a realidade”*.⁸

Percebe-se, portanto, que não há uma evolução no processo estético, tão necessário para que a literatura sul-mato-grossense possa desapegar-se de velhos modelos tão comuns no século passado, como se pode observar nos traços românticos e parnasianos presentes na maior parte da criação literária do Estado e que mostram uma excessiva temática intimista e subjetiva, na qual emoções e sentimentos afloram em obras que não atendem mais às expectativas do público de hoje, numa literatura que produzida desta forma dificilmente poderia ser chamada de literatura regional. Neste sentido, enfatiza Pontes que em nosso Estado: *“penetraram todas as escolas literárias do país, desde o classicismo e o romantismo*

⁵ Cf. SANESUL. *Campo Grande: 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz, 1999. p. 297-251.

⁶ Cf. GRESSLER, Lori Alice; SWENSSON, Lauro Joppert. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul*. Dourados: L. A. GRESSLER, 1988. p. 105.

⁷ Cf. MENEGAZZO, Maria Adélia; RODRIGUES, Idara Duncan Negreiros; SÁ ROSA, Maria da Glória. *Memória da arte em MS*. Campo Grande: Ed. UFMS / CECITEC, 1992. p. 14.

⁸ Cf. MENEGAZZO, Maria Adélia; RODRIGUES, Idara Duncan Negreiros; SÁ ROSA, Maria da Glória. *Memória da arte em MS*. Campo Grande: Ed. UFMS / CECITEC, 1992. p. 22.

até as vanguardas mais revolucionárias”.⁹ As vanguardas revolucionárias, fugindo das velhas “academias” conseguem produzir uma literatura regional que tende a articular-se com o polissistema nacional.

Dentre os escritores que marcaram a literatura sul-mato-grossense, destaca-se, na descrição da região fronteiriça do Estado, Pedro Medeiros, natural de Corumbá, cidade que faz fronteira com a Bolívia, é considerado a voz mais importante da “Cidade Branca”, sendo um poeta do rio que emoldura a cidade, que lhe confere vida e feição, porque o rio é água e água é vida. Outro escritor da região sul-mato-grossense, sempre atento às coisas da terra (canto dos pássaros, termos e modismos regionais, animais), mas ainda preso a Academia Sul – Mato – Grossense de Letras, é o poeta Otávio Gonçalves Gomes, que fez do Pantanal fonte de inspiração poética e seu referencial histórico ao reportar-se aos tempos de conquista das terras pantaneiras. Na descrição da cidade Santa Rita do Pardo, esse escritor foi além das tradicionais descrições de cunho memorialista e cotidiano e reportou-se aos acontecimentos históricos ligados aos primeiros tempos das conquistas pantaneiras fixando pormenores numa limitação geográfica dos acontecimentos, freqüentemente não lembrados pelo historiador mecânico dos sucessos convencionais.

Comumente denominados de “poemas bororos” os livros *Areotorare* e *Sarobá* do poeta Lobivar Matos¹⁰, de Corumbá, mostram outra voz poética criativa, feita por um “arranjador de palavras”, de versos que possuem uma linguagem significativa, enxuta, renovada para o estilo da época, por vezes até universal ao descrever o Pantanal. Não se pode esquecer que entre os bororos, “areotorare” é aquele índio que fala bonito aos irmãos de tribo, à noite, em volta da fogueira, contando-lhes estórias e fatos pitorescos sobre a vida pantaneira.

⁹ Cf. PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Escritor, 1981. p. 43.

¹⁰ Cf. LINS, José Pereira; OLIVEIRA, Doratildo Pereira de. *Lobivar Matos – o poeta desconhecido*. Dourados: Departamento Cultural do Colégio Oswaldo Cruz, 1994.

O regionalismo é encontrado também na prosa sul-mato-grossense de Hélio Serejo, pesquisador de folclore, cronista e ficcionista, com mais de quarenta obras publicadas.¹¹ Reconhecido como paisagista da região ervateira do Estado, registra o regionalismo, de um modo geral, sobretudo o folclore - os ervais e a ranchada ervateira - o carreteiro, o tropeiro, o boiadeiro, o roceiro e o fronteiro de poncho - puitã, apreciador de mate ou de tereré. Na obra de Serejo, as lendas, os “causos” da fronteira sul-mato-grossense são narrados num estilo despojado e acessível a qualquer tipo de leitor sem muita preocupação com a transfiguração, com a criação do mundo irreal, que geralmente caracteriza as ficções.

Percebe-se, neste sentido, que a produção poética da região sul-mato-grossense raramente encontra escritores que se aventuram em busca de novos caminhos nas imagens, nas simbologias e significados poéticos; há por parte de um número expressivo dos escritores uma fidelidade ao tradicionalismo romântico e parnasiano, onde há mais interesse ao conteúdo do que à elaboração de novas formas e pesquisa estética.

Dentre aqueles que ousaram romper com a rigidez acadêmica, a poeta Lélia Ribeiro desponta com uma poesia, na qual a sensibilidade poética é alada às inquietações do espírito e expressa em temas que vão da Divisão do Estado à descrição imagética do vôo de uma garça, produzindo imagens de um espaço mágico e infinito.

Manoel de Barros, outro escritor do Estado que fugiu ao trivial das academias, é hoje um dos expoentes da literatura regional do Mato Grosso do Sul e da literatura brasileira. Barros trabalha tão bem o regional, produzindo uma literatura que estabelece o diálogo até com literaturas estrangeiras (Fernando Pessoa, Rimbaud, Mallarmé, dentre outros), que venceu as barreiras impostas aos poetas interiorianos e mostrou sua arte poética fora do MS. Os temas dos seus versos ultrapassaram o real, o visível, o palpável. Segundo o crítico da poesia sul-mato-grossense, Otávio Gonçalves Gomes, Barros é o “cantor do pantanal, do

¹¹ Cf. SEREJO, Helio. *Contos crioulos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

vaqueiro humilde, e do sofrimento humano".¹² A escrita manoelina revela um escritor artesão da palavra, que constrói novos significados a velhas expressões, fazendo da poesia uma permanente fonte de recriação da linguagem, com a qual transforma até as coisas inúteis em "matéria de poesia". A poética manoelina não é de fácil entendimento. Enigmática, dissonante, poucos sul-mato-grossenses têm a sensibilidade necessária para ouvir o rumor das palavras desse poeta. Certa vez, o poeta Manoel de Barros serviu de guia pantaneiro para o escritor mineiro Guimarães Rosa, numa viagem a Corumbá. Na verdade, Rosa, sempre atento às explicações recebidas, anotava e gravava tudo o que ouvia, pois queria colher elementos preciosos para seus textos como, por exemplo, nomes de árvores, passarinhos e língua guarani. Mais tarde, ao enviar a obra *Estas estórias* para Manoel de Barros, Rosa fez a seguinte dedicatória: "*olha aí Manoel, sem folclore, nem exatismos, como você queria*".¹³ Neste sentido o projeto poético manoelino relaciona-se frequentemente ao de Guimarães Rosa que registrou no conto "Sanga Puytã", "*a diversidade e o rico material que configura o bilingüismo lingüístico e cultural da região*".¹⁴

Considerado o primeiro cronista de Campo Grande, Ulisses Serra, com *Camalotes e guavirais* trouxe pela primeira vez para o MS um título construído a partir de expressões ligadas às coisas da terra sul-mato-grossense. Conforme o próprio autor, na construção do título de *Camalotes e guavirais*, aparece "*Camalotes dos verdes e infindáveis pantanais de Corumbá e guavirais desses dilatados chapadões, eis o motivo do título desta coletânea de crônicas perdidas em revistas e jornais*".¹⁵ Ulisses Serra com esse título dá tratamento aos temas regionais, sem, no entanto, valer-se de pieguismos comuns. Existe nas suas crônicas um

¹² Cf. GOMES, Otávio Gonçalves. *A poesia de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Resenha Tributária, 1983. p. 124.

¹³ Cf. MENEGAZZO, Maria Adélia; RODRIGUES, Idara Duncan Negreiros; SÁ ROSA, Maria da Glória. *Memória da arte em MS*. Campo Grande: Ed. UFMS / CECITEC, 1992. p. 60.

¹⁴ NOLASCO, Paulo Sérgio. *A literatura comparada no extremo oeste do Brasil. Relatos de pesquisas*. Salvador. Ed. UFBA. p.27., set. 1997.

¹⁵ Cf. SERRA, Ulisses. *Camalotes e guavirais*. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1989. p.14.

puro encanto na nomeação de coisas, objetos, personagens reais, cheios de lirismo, sensibilidade e vivências. Ulisses traz à tona a questão da necessidade de uma consciência crítica nos artistas sul-mato-grossenses a fim de garantir a preservação histórico-cultural de Mato Grosso do Sul. Assim, acaba dizendo, nas suas obras, que o nascimento das cidades sul-mato-grossenses não obedeceu apenas ao surgimento de prédios, vitrinas, monumentos, mas à cultura, costumes e tradições.

Mencionemos, ainda, Alfredo d' Escagnole Taunay, porque nenhum autor brasileiro descreveu tão profundamente a região sul-mato-grossense quanto ele. Taunay impôs à forma até então regionalista de narrar, a possibilidade de uma literatura regionalista. Os tipos humanos, sua escrita precisa e o estilo sóbrio, marcam definitivamente sua presença no Estado, fonte motivadora das suas obras *A retirada da laguna*, *Visões do Sertão* e *Inocência*. Taunay descreve magníficas cenas da natureza sul-mato-grossense, embevecido pelo seu esplendor selvático, atendo-se maravilhado ante o cenário virgem dos campos e sertões. O escritor escolhe na maioria das vezes como espaço ficcional as terras do sul de Mato Grosso e as impressões e lembranças recolhidas vêm impregnadas da região: paisagens, tipos humanos, indígenas, linguajar, foram fundamentais na criação literária dessas obras. Em *Inocência*, Taunay, com muita habilidade, fixa cenas da natureza sul-mato-grossense e cataloga termos e expressões lingüísticas dos moradores da imensa e erma região, observadas por Pontes: “despontar cabeceiras”, “embromador”, “cavoqueiro”, “mapiar”, “entonces”, expressões essas incorporadas até hoje no linguajar do sul-mato-grossense.¹⁶ N’*A Retirada da Laguna*, obra de caráter histórico, o autor ao tratar da trágica retirada das tropas brasileiras, por ocasião da Guerra do Paraguai, retrata paisagens e cenas da região, narrando os sofrimentos dramáticos da coluna enviada para invadir o Paraguai pelo sul de Mato Grosso. Neste sentido, Antonio Candido afirma que Taunay traz uma certa experiência de guerra e sertão, esgarçada por uma sensibilidade e cultura advinda da música e das artes plásticas. Tal combinação de praticidade

¹⁶ Cf. PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Escritor, 1981. p. 86.

e refinamento estético fundamenta as suas boas obras, acabando por compor o traçado geral da personalidade do escritor¹⁷.

Finalmente, na década de 80, Antonio Callado lança *Sempreviva*, romance que tem como espaço ficcional a fronteira Corumbá-Bolívia. Considerado um regionalismo psicológico, a obra consegue chegar perto de uma literatura regional, tendo por tema principal o contrabando e suas implicações morais e sociais. O autor faz de sua obra uma denúncia contra as redes de contrabando de couros de animais na região e contra o sistema clandestino que muitos marginalizados politicamente se viam obrigados a seguir.

Conseqüentemente, pode-se concluir que o “regionalismo” há tempos perpassa a literatura sul-mato-grossense nas obras dos escritores das academias, embora haja escritores que produzam uma literatura regional como Manoel de Barros e Antonio Callado, que já estão mais próximos da busca de um específico regional e de uma representação literária de uma região universalizada. Pode-se dizer, portanto, que é necessário a ruptura com o tradicional “regionalismo” para que, na verdade, construa-se uma identidade local e, simultaneamente, universal do Extremo-Oeste do Brasil.

¹⁷ Cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, [19-]. v.2.